

# FGV: retração conteve avanço da classe média

## Crise gerou primeiro recuo em seis anos

**Rio** — A crise econômica breiou o avanço contínuo que a classe média vinha registrando desde 2004, revela estudo divulgado ontem pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) baseado na Pesquisa Mensal de Emprego, que avalia dados das seis principais regiões metropolitanas do país — São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Porto Alegre.

Em dezembro do ano passado, a chamada classe C, que inclui famílias com renda de R\$ 1.115 a R\$ 4.807, respondia por 53,58% do total, ante proporção de 53,81% em igual mês em 2008, nível recorde verificado até hoje. O coordenador do Centro de Políticas Sociais da FGV, Marcelo Neri, ressaltou que, apesar da pequena redução da classe média, o dado positivo é que a mesma já voltou a crescer.

Em dezembro de 2003, a classe C representava 42,99% do total da população, e desde então, o crescimento era contínuo. Em 2009, no entanto, apresentou retração de 0,4%. "A crise impediu que a classe média crescesse mais. O ano passado não foi o ano da classe C. Ela se estabilizou, mas está voltando a crescer", afirmou Neri. Em março de 2009, a classe C chegou a representar 52,52% do total, menor nível durante a crise.

Ele observou que a classe AB (renda familiar acima de R\$ 4.808) foi o destaque em meio à crise, com crescimento de 2% em relação a dezembro de 2008. Naquele ano ela representava 15,33% da população e, no final

de 2009, já significava 15,63% do total.

A classe D (famílias com renda de R\$ 805 a R\$ 1.114) representa 13,37% da população. Na comparação com igual mês em 2008, houve avanço de 1,4%. Já a classe E (renda familiar de até R\$ 804) encolheu 1,5% frente a dezembro de 2008. A classe de renda mais baixa significa 17,42% da população.

**Crescimento** — Neri vê tendência ao crescimento e melhor distribuição de renda este ano. "Existe uma certa tendência à expansão porque acho que os empresários superestimaram a crise antes", afirmou. Ele também argumentou que a base do ano passado é baixa, o que ajuda a ter resultados estatísticos melhores este ano. Além disso, lembrou tem eleições e existe um ciclo político que em anos eleitorais faz a renda aumentar e a distribuição de renda melhorar.

Por outro lado, Neri considerou preocupante a perda de 415 mil empregos no Brasil em dezembro, segundo números do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho. E entende que isso deve ter tido efeitos negativos na renda em janeiro deste ano. De acordo com ele, a queda de emprego em dezembro de 2008 fez a crise atingir em cheio os bolsos dos brasileiros em janeiro de 2009. "O começo do ano é mais delicado por causa da perda de emprego em dezembro", disse.



Neri: "O ano passado não foi o ano da classe C"

**Recuperação** — Em 2009, segundo o economista, a crise se deu em janeiro e a partir daí o ano mostrou recuperação. Em janeiro do ano passado, todas as classes de renda pioraram significativamente em relação a dezembro nas seis principais regiões metropolitanas do Brasil. O conjunto das classes A e B caiu 2,7%. A classe C diminuiu 2,2%. E as classes mais baixas aumentaram: a classe D subiu 3,0% e a classe E, 6,7%. Os dados foram elaborados pela FGV com base na pesquisa mensal de emprego do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Depois de janeiro, porém, o ano foi de recuperação e terminou relativamente bem em relação a outros países.

"A crise no Brasil não foi tsunami nem marolinha, foi uma ressaca pesada em janeiro com

recomposição depois", afirmou o economista. Ele avalia que a crise econômica no Brasil já acabou, a não ser que haja um movimento de "W", de volta a uma nova crise, mas que considera que não é a tendência.

De acordo com Neri, a crise internacional representou uma parada súbita em um movimento muito positivo de redução da pobreza e aumento da classe média verificado entre 2003 e 2008. Se o ritmo daquele período se repetir entre 2010 e 2014, a classe E, a mais pobre, cairia pela metade e a classe AB teria um aumento de 50%. "Este é um cenário muito auspicioso, otimista", disse ele, observando que a questão é saber se o ritmo de 2003 a 2008 será mantido. O cenário para 2014 foi feito com base em dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do IBGE. (FP/AE)